

COBAIO E COBAIA

Joffre Marcondes de Rezende¹

As duas formas são empregadas independentemente do sexo do animal. Gramaticalmente, a primeira é do gênero masculino e a segunda do gênero feminino, ambas consideradas substantivos epicenos. Para caracterizar o sexo usa-se *macho* e *fêmea*, tanto para *cobaio* como para *cobaia*. No caso, *macho* e *fêmea* podem ser usados como adjetivos ou como substantivos. A fim de evitar a flexão de *macho* e *fêmea* como adjetivos (*macha* e *fêmeo*) é preferível usar-se o hífen, formando substantivos compostos: *cobaio-macho*, *cobaio-fêmea*, *cobaia-macho*, *cobaia-fêmea* (11).

A maioria dos léxicos registra *cobaio* como forma variante de *cobaia*.

Cobaia é palavra de origem ameríndia, havendo duas versões etimológicas, ambas com base em fontes autorizadas.

A primeira, defendida por Lokotsch (13), é de que seria oriunda do caribe, língua primitiva falada por alguns grupos indígenas da América Central, Venezuela, Colômbia, Guianas e extremo norte do Brasil (12); nesta língua o roedor era chamado de *kobiai*.

A segunda versão, advogada por Friederici (8) e mais aceita modernamente, admite sua procedência do tupi-guarani *çabuia* (sabuia), com abandono da cedilha.

A palavra *cobaya* (com y) foi incorporada ao latim científico da nomenclatura binária para designar uma espécie deste roedor, pertencente ao gênero *Cavia*. A descrição da espécie-tipo é creditada a Pallas, 1766 (16), porém a denominação latina *Cavia cobaya* fora antes utilizada por Marcgrave na obra conjunta com Guilherme Piso *Historia Naturalis Brasiliae*, de 1648 (14).

¹ Prof. Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás

Endereço para correspondência: Rua João de Abreu No.744, ap.02, Setor Oeste, 74120-110 Goiânia, GO. Telefãx: 0XX62-251.3161. E-mail jmrezende@mail.cultura.com.br

Recebido para publicação em 22/07/99.

Vol. 28 (2): 242-246. jul-dez. 1999

Posteriormente, Guilherme Piso, na *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, de 1658, ao referir-se aos roedores genericamente chamados pelos portugueses de *ratos do mato*, descreve, separadamente, a *cobaia* e a *apereá*:

A quarta espécie [escreve Piso] é a *Çavia cobaia*. Tanto cede em tamanho aos coelhos europeus, como os supera na diversidade e beleza das cores. Os pêlos são um tanto flexíveis, com manchas brancas, negras, ruivas; as pernas um tanto curtas; as anteriores, com seis dedos, as posteriores com cinco. Tem cabeça e dentes semelhantes aos dos arganazes; quase nenhum vestígio de cauda. Nenhuma espécie de coelhos é tão familiarmente domesticada nas casas como este; até é levada com sucesso para outras regiões da Europa, onde igualmente é prolífica e engorda. Grunhindo, como que mendiga o alimento às pessoas da casa, à maneira de uma cadelinha doméstica. Não cede aos demais em qualidade da carne, sobretudo ainda selvagem. É servida assada e cozida; é menos branca e seca que as de nossa terra; e tão rica em humor, que lhe faz mal o beber muita água.

A quinta, chamada *Apereá*, pelos nossos compatriotas *Veldt-rat*, é uma espécie de coelho pequeníssimo, sem cauda, com pêlos, cabeça, barba e andar de lebre. Vive como os coelhos e participa-lhes da natureza; a não ser que gosta mais das cavernas pedregosas do que das arenosas, donde pelos caçadores e viandantes é tirado e caçado com auxílio de cães. É servido cozido, assado, condimentado. Pois a carne é tão tenra e boa que facilmente supera a dos coelhos europeus.

Piso ilustra ambas as descrições com desenhos representando os dois roedores. Na ilustração referente à *cobaia*, usou o cedilhado em ambos os nomes: *Çavia çobaia*.

Apereá é palavra tupi, que, por aférese da vogal inicial, interpretada como artigo feminino, e síncope da segunda vogal, resultou em *preá* (5), nome popular que designa no Brasil mais de uma espécie do gênero *Cavia* e também do gênero *Galea* (16).

O gênero *Cavia* compreende várias espécies, das quais as mais conhecidas são: *C. cobaya* Pallas 1766; *C. aperea*, Erxleben 1777, *C. porcellus* Linneu 1758, que se admite seja a forma selvagem da *cobaia* doméstica (16), e *C. cuttleri*, esta última encontrada no Peru (9).

Segundo os historiadores, a *cobaia* já se encontrava domesticada por muitas populações indígenas séculos antes da chegada dos colonizadores europeus. Há referência à sua presença na Guiana Francesa, Colômbia, Equador, Brasil, Peru e Argentina. Era utilizada pelos indígenas como animal de estimação, como alimento e em ritos sacrificiais (3,10,18).

Foi levada para a Europa a partir do século XVI pelos navegadores espanhóis, portugueses, holandeses e franceses e espalhou-se por todos os continentes.

Os franceses adaptaram a palavra ao seu idioma como *cobaye*, no gênero masculino, que foi sancionado pela Academia Francesa em 1878 (18). A forma *cobaio*, em português, poderia ter sido resultante da influência tardia do francês, razão pela qual foi considerada galicismo (2).

Embora alguns léxicos brasileiros informem que também a forma *cobaia* provém do francês *cobaye* (1,17,22), o inverso parece haver ocorrido, conforme atestam eminentes lexicógrafos franceses, como os que citamos a seguir:

1. Dauzat, Dubois e Mitterrand. "Cobaye. Bomare 1775, du tupi guarani sabuja, par le portugais" (6).

2. Bloch e Wartburg: "Cobaye. 1820, du tupi *sabuja*, à l's- duquel les imprimeurs portugais ont substitué d'abord un ç-, ensuite un c'-'." (3).

3. Robert, P. "Cobaye n.m. du tupi guarani par le portugais" (20).

Na linguagem popular, a cobaia recebeu diferentes nomes nos vários países para onde foi levada.

Em português, a cobaia é popularmente conhecida como *porquinho da Índia*, embora não seja aparentada aos suínos e nem procedente da Índia. Assim também em italiano: *porcellino d'India* (porquinho da Índia).

Em francês é chamada *cochon d'Inde*, sem o diminutivo (porco da Índia).

Já em espanhol é *conejillo de India* (coelhinho da Índia)

Em alemão o nome é *Meerschwein* (porco que vem do mar) (10).

Em inglês é chamada *Guinea pig* (21) (porco de Guiné), denominação bastante curiosa pela menção a um país da África como local de sua origem.

A comparação com porco talvez decorra da semelhança do grunhido emitido pelo roedor. A referência à Índia poderia ser explicada pela denominação primitiva que se dava na Europa ao Novo Mundo, de Índias Ocidentais, e também pelo comércio marítimo com as "Índias", confundindo-se os navios procedentes do Oriente com os do Ocidente. No Brasil o nome adotado poderia ter sido uma herança do português de Portugal no período colonial.

O nome em inglês tem suscitado muitas dúvidas, havendo, pelo menos, três hipóteses (10):

1. As pessoas acreditavam que as cobaias fossem realmente de Guiné, porque os navios procedentes da América do Sul faziam escala para abastecer na costa ocidental da África, no litoral correspondente à antiga possessão portuguesa.

2. A cobaia era vendida ao preço de um guiné cada. "Guinea" era uma antiga moeda inglesa.

3. Guinea poderia ser tão-somente confusão com Guiana, de onde procediam as cobaias levadas para a Europa pelos holandeses. Esta hipótese é considerada menos provável.

Em virtude de suas características biológicas, a cobaia tornou-se um dos animais preferidos para experimentos científicos na área biomédica, a tal ponto que a palavra *cobaia* adquiriu uma segunda acepção, de "campo ou objeto de experiência" (7) e passou a designar "qualquer pessoa ou animal que se submete a experiências com fins científicos" (15).

J.L.Souares, em seu *Dicionário etimológico e circunstanciado de biologia*, define *cobaia* com a única acepção de animal de experimentação, qualquer que seja ele: "coelho, rato, cão, macaco, sapo, rã e até mesmo, em sentido figurado, a espécie humana" (22). Considera *cobaia* como variação de *cobaio*; este sim, "pequeno mamífero roedor (*Cavia porcellus*) conhecido vulgarmente como preá ou porquinho-da-Índia".

Esta interpretação não encontra amparo nos antecedentes históricos e lingüísticos da palavra *cobaia* e deve ser vista apenas como uma proposta do citado autor.

Considerando-se as origens da palavra *cobaia* e sua adoção pelo latim científico da nomenclatura binária para designar uma espécie de roedor, somos de parecer que a mesma deve prevalecer sobre *cobaio*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Aulete FJC, Garcia H. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Delta, 1980.
2. Barbosa P. *Dicionário de terminologia médica portuguesa*. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1917.
3. Bloch O, von Wartburg W. *Dictionnaire étymologique de la langue française*, 7.ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1986.
4. Corominas J, Pascual J. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid, Ed. Gredos, 1984.
5. Cunha AG. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo, Ed. Melhoramentos/EDUSP, 1978.
6. Dauzat A, Dubois J, Mitterrand H. *Nouveau dictionnaire étymologique et historique*, 3.ed. Paris, Larousse, 1964.
7. Ferreira ABH. *Novo dicionário da língua portuguesa*, 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1986.
8. Friederici G. *Amerikanistisches Wörterbuch*. Hamburg, 1947. *Apud* Corominas J, Pascual J. (4).
9. *Grande Enciclopédia portuguesa e brasileira*. Lisboa, Editorial Enciclopédia Ltda., 1935-1958.
10. Internet: <http://www.meerschweinchen.ch/en/eallgeme.htm>, 28.12.1998.
11. Jota ZS. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1960.
12. Katzner K. *The languages of the world*. London, Routledge & Kegan Paul, 1986.
13. Lokotsch K. *Etymologisches Wörterbuch der amerikanischen (indianischen) Wörter im Deutschen*. Heidelberg, 1926. *Apud* Nascentes A (17).
14. Machado JP. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 3.ed. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
15. *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo, Cia. Melhoramentos, 1998.

16. Moojen J. *Os roedores do Brasil*. Rio de Janeiro, INL, 1952.
17. Nascentes A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1932.
18. Pinto PA. *Língua materna*. Rio de Janeiro, Tip. São Benedito, 1934, p. 97.
19. Piso G. *História natural e médica da Índia Ocidental* (trad.). INL, 1957, p. 239-40.
20. Robert P. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, Dictionnaires Le Robert, 1987.
21. *Shorter Oxford english dictionary* 3.ed. Oxford, Clarendon Press, 1978.
22. Soares JL. *Dicionário etimológico e circunstanciado de biologia*. São Paulo, Ed. Scipione, 1993.